

Deslocamento a pé é parte da rotina

Viajar 140 quilômetros de Unaí a Brasília duas vezes por semana, andar outros três e enfrentar uma jornada de aula que vai das 13h00 às 22h00, em duas escolas diferentes, é a rotina do professor de Geografia, José Gonçalves, de 32 anos. Desde setembro do ano passado, estes transtornos fazem parte de sua vida profissional. "Eu corro caminho pelas trilhas do mato. Às vezes a gente chega suado e outras vezes ensopado", ilustra. Mesmo com todas essas dificuldades ele ainda encontra justificativas para continuar no ofício.

"O salário é baixo mas ainda é melhor do que pagam em Minas", garante". Só não mudo para Brasília porque já tenho casa e família lá e o aluguel daqui é muito alto", explica. A Escola Classe Nova Betânia (zona rural do Núcleo Bandeirante), onde o professor leciona, tem carência de professores em Ciências Físicas e Biológicas, Português e Matemática. Desde o início do ano, 65 alunos estão sem aulas nestas disciplinas.

"E esta é a escola rural do Núcleo Bandeirante mais fácil de se chegar. Nas outras a situação é pior", disse a professora Daisylane Campos. Morando em Taguatinga, para chegar à escola ela percorre, de carro, 120 quilômetros. "De ônibus não daria para vir, seria ainda mais desgastante", completa. Há um ano e um mês na escola, a professora admite que só espera o fim do estágio probatório para fazer o concurso de remoção. "Uma escola 50 quilômetros mais perto já seria melhor".

A professora Cristiane Dantas, que mora na Asa Sul, pega dois ônibus para chegar à escola. "O ônibus para lá em cima, na BR 251, é quando não aparece carona o jeito é vir a pé", explica. "Em algumas descidas, a gente escorrega no cascalho. O pessoal daqui até brinca e diz que é só deixar um papelão lá e descer de surf. O melhor é levar na esportiva".

Fernando Luiz Travassos de Melo, único professor da Escola Classe Correço das Corujas (zona rural de Taguatinga) não tem escolha: quando perde a carona da diretora, a única forma de chegar à escola é subir e descer morros por cinco quilômetros. "Na maioria das vezes prefiro dormir na escola do que andar o caminho de volta. Isso aqui é perigoso. Quase fui assaltado uma vez", explica.

(R.A.)